FESTIVAIS >
GIL VICENTE

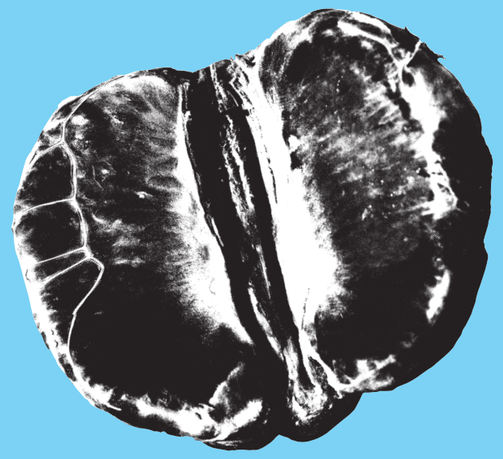
CENTRO CULTURAL VILA FLOR
GUIMARÃES

C I A J G
centro internacional das artes
josé de guimarães

2023 **01 / 10 JUN**

TEATRO

35ª EDIÇÃO

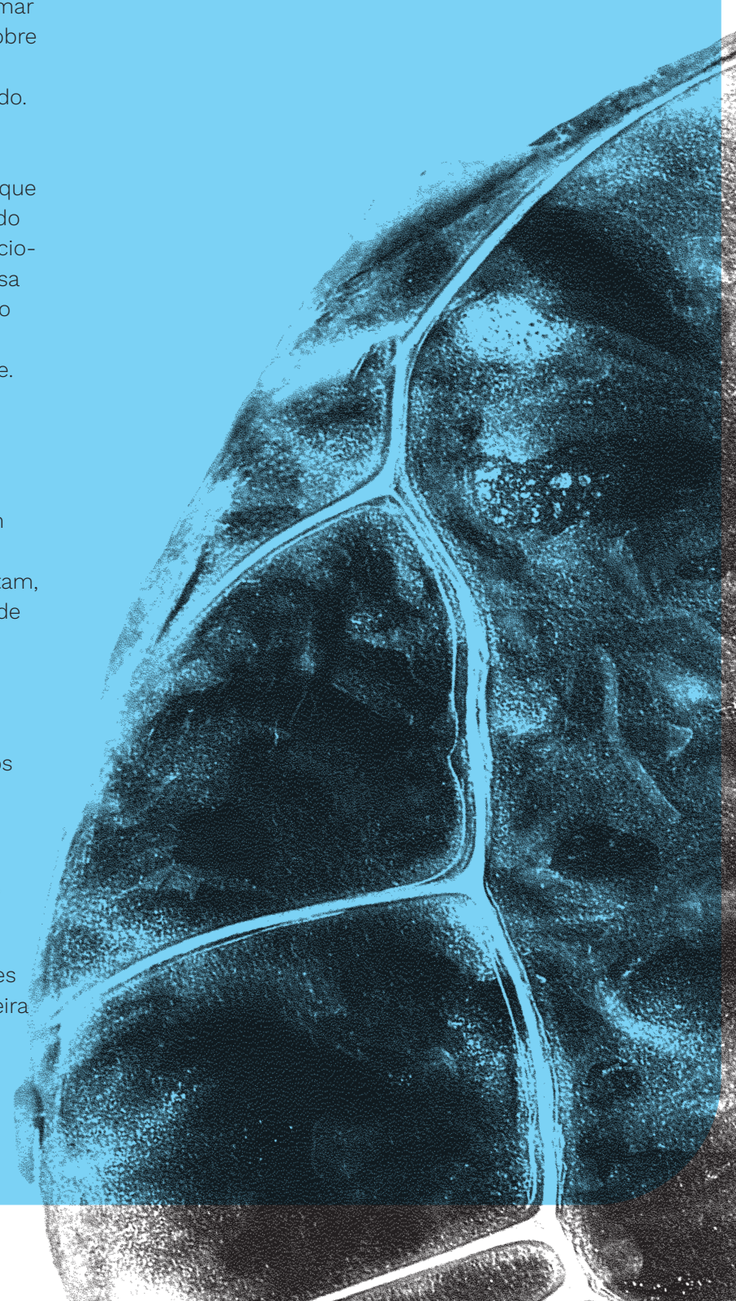


Rui Torrinha

FAZER ESTREMECER AS FUNDAÇÕES DO TEMPO E DO ESPAÇO

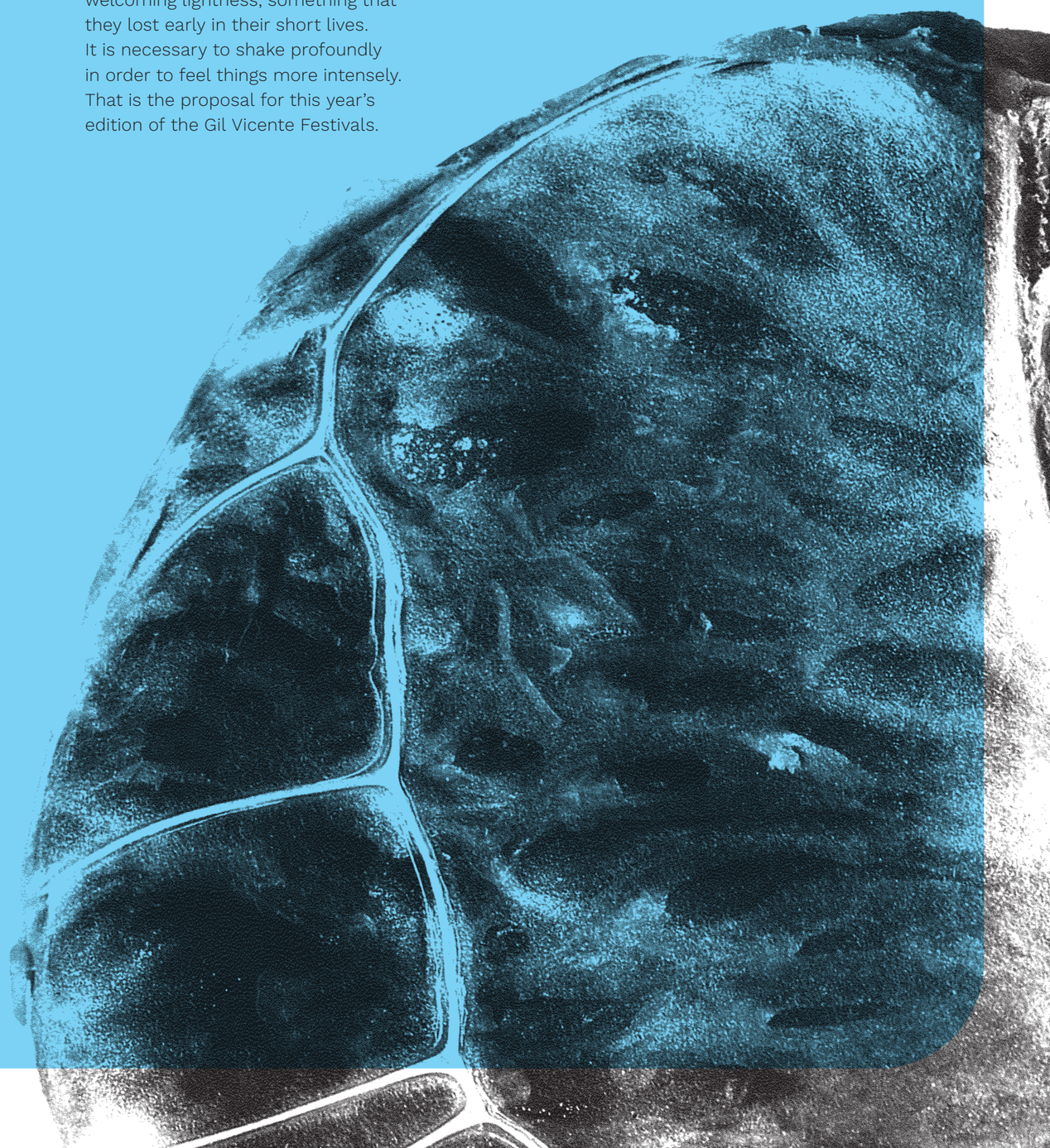
Arte política por natureza, o teatro no seu discurso e ação, tenta encontrar ideias e dispositivos para desencadear relações com a problemática social atual.
E nada melhor do que começarmos pela releitura da história e de uma nova interpretação do significado dos mitos, para nos lançarmos de forma corajosa numa outra escrita que preencha o espaço entre a ficção e a realidade em "Cosmos".

Nesse caminho, dentro desta edição, iremos reencontrar referenciais clássicos que servirão de base para novas estórias de vida, que entretanto se desenham sem pedir licença neste tempo de grande transformação.
Tita Maravilha apresenta-nos uma abordagem tropical ao universo de Tchékhov, a partir de "As Três Irmãs".
E nada mais ficará na mesma.
Nesse sentido especulativo entre o que somos, sentimos e projetamos, não poderemos escapar à viagem delirante da Plataforma285, envolta pela mercantilização e o capitalismo dos afetos. "all you can eat" é um espetáculo transdisciplinar que cruza teatro, performance, instalação, dança e concerto ao vivo, que busca reclamar o direito ao ócio, enquanto se descobre cada vez mais preso, cada vez mais produtivo, cada vez mais rentabilizado.
Mas esta edição também é sobre ser-se espectador. Espectador de teatro. Espectador de cinema. E de que forma ser-se espectador é um estado de assimilação ou um estado condicionado de desenvolvimento. Sobre essa matéria, interpretará Teresa Coutinho o seu "Solo", acerca da condição feminista que a caracteriza e a move.
Mas o teatro, nesta edição, também abraçará exercícios experimentais e poéticos que propõem um olhar influenciado pela arquitetura do lugar: como fazer um esboço de um edifício que permita a emancipação permanente dos corpos que o habitam, enquanto lhes devolve a possibilidade de uma existência em conjunto? A interrogação é-nos colocada pelos silentparty. A descoberta de outras possibilidades será assim ensaiada.
E no fecho desta edição, capturamos o humanismo e o existencialismo como fonte inesgotável para a formação de um campo sensível, em "Noite de Verão", de Luís Mestre, inserida na Tetralogia das Estações: dois millenials, um homem e uma mulher que atravessaram duas crises assimétricas em dez anos; a financeira e a pandémica. Não se conhecem, estão num Verão quente e querem sentir uma leveza acolhedora, algo que perderam precocemente nas suas curtas vidas. É preciso estremecer a valer para sentirmos mais fundo.
É essa a proposta para esta edição dos Festivais Gil Vicente.



SHAKING THE FOUNDATIONS OF TIME AND SPACE

Theatre is a political art by nature.
Through its discourse and action,
it tries to discover ideas and devices
to trigger relations with current
social problems.
There is no better way to start than by
rereading history and searching for a
new interpretation of the meaning of
myths, to boldly launch into another
form of writing, that fills the space be-
tween fiction and reality in “Cosmos”.
Within this year’s edition, and along
this path, we will rediscover classical
references that serve as the basis for
new stories of life, which have recently
been emerging without asking per-
mission in this period of major trans-
formation. Tita Maravilha presents us
with a tropical approach to Chekhov’s
universe, starting with “The Three Sis-
ters”. And nothing will be the same.
In this speculative sense, between
what we are, feel and project, we will
not be able to escape the delirious
journey of Platform285, enveloped
within the commodification and
capitalism of affections. “all you can
eat” is a transdisciplinary show, that
combines theatre, performance,
installation, dance and a live concert.
It seeks to reclaim the right to leisure,
as we discover we’re increasingly
imprisoned, productive and profitable.
This edition is also about being a
spectator. A theatregoer. A cinemagoer.
And how being a spectator can
correspond to a state of assimilation
or a conditioned state of development.
In this regard, Teresa Coutinho will
perform “Solo” that addresses the
feminist condition, that characterises
and inspires her.
In this year’s edition, the theatre
will also embrace experimental and
poetic exercises that propose a gaze
influenced by the architecture of the
place: how to produce a sketch of a
building that will foster permanent
emancipation of the bodies that
inhabit it, while giving them back
the possibility of a joint existence?
This question is posed to us by the
silentparty. The discovery of other
possibilities will therefore be explored.
At the end of this year’s edition, we
capture humanism and existentialism
as an inexhaustible source for the
formation of a sensitive field, in Luís
Mestre’s “Midsummer Night”, inserted
within the Tetralogy of Seasons: two
millenials, a man and a woman who
have experienced two asymmetric
crises within a decade; a financial
crisis and the pandemic. They have
never met. They are in the middle
of a hot summer and want to feel a
welcoming lightness, something that
they lost early in their short lives.
It is necessary to shake profoundly
in order to feel things more intensely.
That is the proposal for this year’s
edition of the Gil Vicente Festivals.



Cleo Diára, Isabél Zuaa e Nádia Yracema

COSMOS

©Filipe Ferreira

QUI 1 JUN > 21:30 | CCVF > Grande Auditório Francisca Abreu | Duração 75 min. aprox | Maiores de 12

Espetáculo com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

©Filipe Ferreira

Criação e direção artística
Cleo Diára, Isabél Zuaa, Nádia Yracema
Interpretação
Ana Valentim, Alberto Magassela, Bruno Huca, Cleo Diára, Cirila Bossuet, Manuela Paulo, Nádia Yracema, Paulo Pascoal, Puta da Silva e Rita Cruz
Apoio à dramaturgia
Melissa Rodrigues
Apoio à criação
Mário Coelho, Inês Vaz
Coreografia
Bruno Huca
Cenografia
Tony Cassanelli
Assistente de cenografia
Rodrigo Vasconcelos
Música original e sonoplastia
Carolina Varela, Nuno Santos (XULLAJI), Yaw Tembe
Instrumentais de cordas
Desordem do Conceptual Branco – Cire Ndiaye, Suzana Francês, Florêncio Manhique, Mbye Ebrima, Sebastião Bergman, Evanilda Veiga
Voz *off*
Rogério de Carvalho, Caroline Faforiji Odeyale, Nur Bryo, Carolina Varela
Tradução
Irubá Olusegun Peter Odeyale
Figurinos
Eloísa d' Ascensão, Mónica Lafayette
Confeção de figurinos
Myroslava Volosh, Salim, Atelier Termaji
Adereços
Almost Black, Eloísa d' Ascensão, Jorge Carvalhal, Rodrigo Vasconcelos
Direção técnica
Manuel Abrantes
Operação de som
Ana Carochinho
Vídeo
Elvis Morelli, Maria Tsukamoto, Tiago Moura
Desenho de luz
Eduardo Abdala
Direção de produção
Maria Tsukamoto
Produção executiva
Roger Madureira
Produção
Cama a.c. administração e direção Daniel Matos, Joana Duarte
Coprodução
Teatro Nacional D. Maria II
Residência de coprodução
O Espaço do Tempo
Apoio
Alkantara, Casa Independente, Largo Residências
Agradecimentos
INMUNE – Instituto da Mulher Negra em Portugal, SOS Racismo, DJASS – Associação de Afrodescendentes, Maria Matos Figueiredo, Manuel Maria Cristo, Nilton Cristo, Nilvano Cristo, Karol Nowisky, Kassay, Tiago Martins, Rosa Pinto, Vito Martins, Ricardo Martins, João Martins, Noémia Martins, Jamile Cazumbá, Felipe Drehmer, Maria da Luz, Daniel Matos, Kaio Matos, Kaysen Matos, Kelio Matos, Elisabete Barreto, Alcinda Alves, Cleida Alves, Raquel Lima, Joana Costa Santos, Sara Tavares, Daniel Matos, Joana Duarte, Miguel Carranca, Tiago Moura, Inês Valdez, Patrícia Portela, Cláudia Duarte, Tiago Rodrigues, Magda Bizarro, Welket Bungué, Dori Nigro
"Cosmos" é um projeto financiado pela República Portuguesa Cultura / Direção Geral das Artes

Caminhanti é caminho
Caminho di caminhanti
Caminhanti é caminho
Caminho di caminhanti
Caminhanti é caminho
Caminho di caminhanti
No verso e inverso
Verbo ser é verbo nascer
Pé na tchon, homi na caminho
Distancia é miragem
Distancia é poesia

Sara Tavares Xinti

"Cosmos" é o nosso segundo espetáculo como coletivo Aurora Negra. Aqui olhamos para dentro com coragem e generosidade, acompanhadas por uma equipa criativa e técnica que arrisca sonhar e concretizar em conjunto, tentando perceber as questões que nos atravessam.
Olhar para a nossa vivência, olhar para a vivência da diáspora e tentar trazer o questionamento através da esperança.
A partir da revisitação da mitologia africana, em "Cosmos" apresentamos em palco outros universos que questionam qual seria o curso da humanidade se a história tivesse sido diferente.
Uma fusão entre ancestralidade, ciência e o dever.
Uma viagem que contempla outros tempos, lugares longínquos que poderão ou não ter existido. Migrações interplanetárias regidas sempre pelo amor.
Outras maneiras de entender os conceitos de fronteira, família e existência. A tragédia unida ao afrofuturismo.
Nestes dias que galgam ao compasso da luz, entre guerras, fome, pandemia, capitalismo, racismo, falta de ar e liberdade, perguntamos o que nos surgiria se fossemos realmente obrigadas a recomeçar? E de que forma imaginaríamos esse recomeço?

Aurora Negra

©Filipe Ferreira

©Filipe Ferreira

ENG >

Caminhanti is the way
Camino di caminhanti
Caminhanti is the way
Camino di caminhanti
Caminhanti is the way
Camino di caminhanti
Front and back
The verb “to be” is the verb
“to be born”
Foot in the tchon, homi
in the way
Distance is a mirage
Distance is poetry

Sara Tavares Xinti

©Filipe Ferreira

“Cosmos” is our second performance as the Aurora Negra collective.
Here we are looking inwards, with courage and generosity, accompanied by a creative and technical team that risks dreaming and making things happen together, as we try to understand the issues that confront us.
To look at our experience, to look at the experience of the diaspora and try to deliver questioning, through hope.
In “Cosmos”, that is based on revisiting African mythology, we present other universes on stage that question the likely course of humanity if history had been different.
A fusion between ancestry, science and duty.
This journey contemplates other periods of time, distant places that may or may not have existed.
Interplanetary migrations, that are always governed by love.
Alternative ways of understanding the concepts of border, family and existence. Tragedy united with Afrofuturism.
In our modern existence, that hurtles forward at the speed of light, between wars, famines, pandemics, capitalism, racism, breathlessness and freedom, we ask ourselves what would emerge if we were obliged to start over again?
How would we imagine this new beginning?

Aurora Negra

Tita Maravilha

Bolsa Amélia Rey Colaço

AS TRÊS IRMÃS

©Filipe Ferreira

SEX 2 JUN > 21:30 | CCVF > Pequeno Auditório | Duração 75 min.aprox | Maiores de 14

Em “As Três Irmãs”, Diogo, Macha e Irina vivem numa cidade no interior da Rússia. Aborrecidas com o dia-a-dia da província, que as isola e castra os seus sonhos, desejam mais que tudo voltar a Moscou/Moscovo, a sua terra natal. Neste espetáculo, a partir de uma leitura pós-contemporânea e multidisciplinar do clássico de Tchekhov, Tita Maravilha propõe uma narrativa onde os conceitos basilares da sociedade normativa são revisitados a partir das subjetividades de cada uma destas três irmãs.

©Filipe Ferreira

“Não basta sonhar, é necessário antes de tudo agir. E agir rápido!”

©Filipe Ferreira

Em sua criação “As Três Irmãs”, Tita Maravilha e o seu grupo de intérpretes trabalham com vistas a, a partir da obra original de Tchekhov, acionar um ponto de vista que perpassa a barreira teatral convencional e nos permite negociar o futuro com o despertar de novos sentidos.
Negociar, por exemplo, o futuro da escrita aqui é pensar a reescrita como território movediço, como trampolim para re-criação, re-emoção e para a re-volução.

“As Três Irmãs” surge de um interesse radical em interagir de forma interseccional e transversal nas artes performativas, onde referências pretensamente distantes somam-se para daí repensar e alterar, juntamente com o público, o fluxo da história, com crítica e humor como palavras chave.

A criação de um novo espaço e a sua partilha.

Comunicar e negociar com o pensamento sobre conceitos contemporâneos de trabalho, família, identidades, geografias e migrações, expandindo-os e potencializando-os como material poético, tirando-os da ideia de representação única.
Interessa a partilha das emoções reais des intérpretes e exaltar a criação da sua própria narrativa, quebrar as barreiras da sensação clichê que recaem sobre estas identidades.
Unir vida e obra num espaço com cada vez menos fronteiras.
Repensar com doçura os lugares de violência e transformação do horizonte do pensamento.

“Elus estão mesmo diferentas”
“São mesmo três”
“Es tr3s irms”

©Filipe Ferreira

Criação
Tita Maravilha
Cocriação e Interpretação
Ivvi Romão,
João Abreu,
Luan Okun
Direção de movimento e Assistência de direção
Era Jaja Rolim
Dramaturgia
Keli Freitas e
Tita Maravilha
Desenho e operação de luz
Lui L'abbate
Cenografia e figurinos
Marine Sigaut e
Alex Simões
Confeção de Figurinos
Alex Simões
Criação sonora
Tita Maravilha
Apoio à criação sonora
Odete
com músicas de
Aurora, Puta da Silva
e Odete
Design e direção de fotografia e vídeo **Gadutra**
Produção **Trypas-Corassão**
Associação Cultural
Administração financeira **Maria Paula**
(Trypas-Corassão)
Produção Executiva **Maria**
Tsukamoto
Assistência de produção
Amanda Silva
Coprodução
Teatro Nacional
D. Maria II, A Oficina /
Centro Cultural Vila Flor, O
Espaço do Tempo,
Teatro Viriato
As Três Irmãs é o projeto
vencedor da 5ª edição da
Bolsa Amélia Rey Colaço,
uma iniciativa promovida
pelo Teatro Nacional
D. Maria II (Lisboa), A
Oficina / Centro Cultural
Vila Flor (Guimarães),
O Espaço do Tempo
(Montemor-o-Novo) e o
Teatro Viriato (Viseu)
Apoio
Cão Solteiro
Agradecimentos **Manu**
Curtis, Cigarra

ENG >
In “Three Sisters”, Diogo, Macha and Irina live in a town in the Russian countryside. Bored with their provincial daily life, which isolates them and castrates their dreams, they long to return to their homeland: Moscou/Moscow. In this stageplay, based on a post-contemporary and multidisciplinary interpretation of Chekhov’s classic, Tita Maravilha proposes a narrative where the basic concepts of normative society are revisited, based on the subjective world view of each sister.

“To dream is not enough, first you have to act. And act fast!”

In her work, “The Three Sisters”, Tita Maravilha and her performers work on the basis of Chekhov’s original work, aiming to trigger a new perspective that moves beyond the conventional theatrical barrier and allows us to negotiate the future, by awakening new meanings.
For example, to negotiate the future of writing involves thinking about rewriting as a shifting territory, as a springboard for re-creation, re-emotion and re-volution.
“The Three Sisters” arises from a radical interest in interacting in an intersectional and transversal manner in the performing arts, where supposedly distant references foster rethinking and altering the flow of the story, together with the audience, where criticism and humour are the key words.

©Filipe Ferreira

The creation of a new space and its sharing.

To communicate and negotiate thinking about contemporary concepts of work, family, identities, geographies and migrations, expanding and fostering them as poetic material, distancing them from the idea of unique representation.
The key goal is to share the performers’ real emotions and highlight the creation of their own narrative, to break down the barriers of the clichéd sensation associated to these identities.
Uniting life and work in a space that has diminishing borders.
Gently rethinking the places of violence and transformation of the horizon of thought.

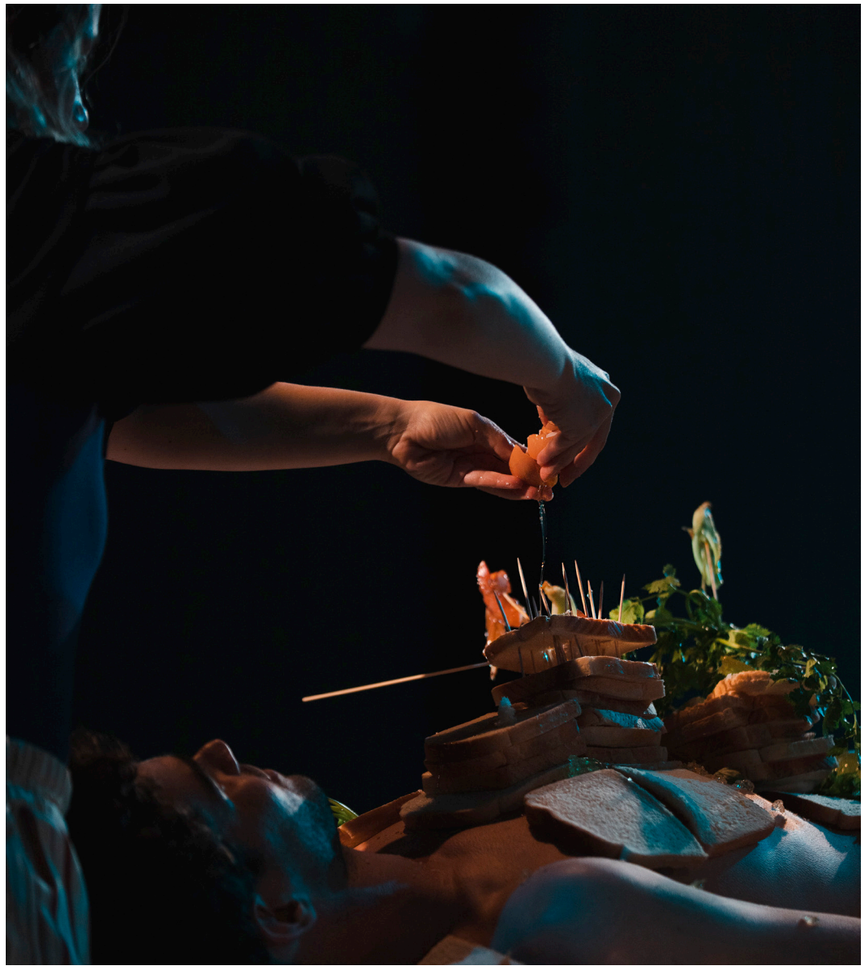
“Thuy are really different”
“They are really three”
“They are thr33 sistrs”

FESTIVAIS GIL VICENTE 2023 > 16

SÁB 3 JUN > 21:30 | CIAJG > Black Box | Duração 90 min. | Maiores de 12

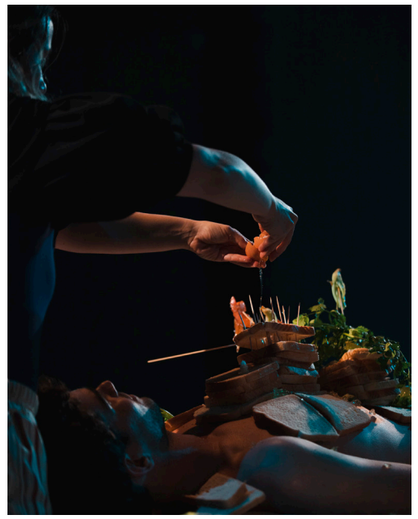
Plataforma285

ALL YOU CAN EAT



©Joanna Correia

A calma, o silêncio, o conforto, o mimo. O meu tempo, meu e só meu. Tempo para o que eu quiser, porque eu mereço! A existência é um *guilty pleasure* e por isso fique obcecado, por si e para si. Os maiores luxos da vida são possíveis! E não, não é uma miragem. É possível, é provável, é fazível. Está feito, está tratado, não se mexe mais. Este é o seu momento, o seu retiro de silêncio, o seu próprio pináculo da criação, o seu menu de degustação, o prazer que tanto deseja e merece – ai, se merece...



©Joanna Correia

Por isso prepare-se, é altura de *marikondar* os excessos e aproveitar, sem poupanças e sem desgostos. Aventure-se neste grande parque-aventura que é a vida.

©Joanna Correia

"all you can eat" é um espetáculo transdisciplinar que cruza teatro, performance, instalação e concerto ao vivo, que busca reclamar o direito ao ócio, enquanto se descobre cada vez mais preso, cada vez mais produtivo, cada vez mais rentabilizado.
Se, por um lado, exigimos o direito ao descanso e ao aborrecimento, por outro são cada vez mais os estímulos que desvirtuam esse *não-fazer-nada*, criando a sensação de que esse tempo deve ser ocupado sob pena de não o estarmos a aproveitar.
O capitalismo redescobriu-se. Na era hipermoderna, como sugere Lipovetsky, o lazer, o estético e o saudável passam a ser prioridades. Tudo o que se pode constituir como desejo, constitui-se como mercado. Torna-se importante tudo o que pode ser comercializado. E tudo pode ser comercializado: emoções, ecologia, ócio, história. Surgem assim vários serviços para massas que sugerem experiências personalizadas promotoras de uma sensação de aproveitamento do tempo irrelevante ou não produtivo, transformando-o em tempo comerciável ou rentável.

Viagens, ioga, meditação, exercício físico, workshops, atividades de degustação: como é que esse tempo já foi mercantilizado por um capitalismo dos afetos e do tempo? Nesta mercantilização do tempo de lazer, rentabiliza-se o recreativo para continuar a consumir, mas apaziguando a ânsia de perder tempo com a ideia de estar a aproveitá-lo. Em "all you can eat" propõem-se ao público uma experiência de ocupação de tempo. Em cena, performers desconstroem uma receita tradicional (que teve origem na miséria e que agora se redescobriu como gourmet). Para quê? Pela experiência, pelo tempo em conjunto, pela descoberta. Em "all you can eat" passamos o tempo, juntos e de forma rentável. O jantar está servido e é à discrição. Por isso aproveitem, pagam sempre o mesmo.

Os alimentos utilizados neste espetáculo foram cedidos por estarem perto do prazo de validade ou por já terem ultrapassado a data aconselhada de consumo e por isso não podiam ser mais comercializados.

A Plataforma285 é um coletivo multidisciplinar, fundado em 2011 e sediado em Lisboa, com o intuito de criar espetáculos de teatro. Trabalhando em regime de colaboração criativa, a companhia desenvolveu 21 criações tendo-se já colaborado com instituições como CCB, Culturgest, maat, Teatro Nacional D. Maria II, São Luiz Teatro Municipal, A Oficina, Teatro Aveirense, Serralves, entre outras. O seu trabalho distingue-se pelo desenvolvimento de uma dramaturgia original, assente na procura da não teatralidade e de novas linguagens criativas. Pretendem um trabalho autoral, a procura da intertextualidade, a construção de realidades habitadas por atores (não por personagens).

©Joanna Correia

Direção artística e texto
Raimundo Cosme e Cecília Henriques
Interpretação
André Loubet, Cecília Henriques, George Silver e Paula Sá Nogueira
Cocriação e sonoplastia
George Silver
Cocriação e cenografia
Bruno José Silva
Cocriação e figurinos
Nuno Braz de Oliveira
Mestre Costureira
Rosário Balbi
Apoio Figurinos
Inês Ariana
Cocriação e direção de produção
Raquel Bravo
Design de Luz Original
Sara Garrinhas
Operação de Luz nos Festivais Gil Vicente
Joana Mário
Assistência de produção
Ana Ladislau e Mariana Sá Marques
Estagiária de produção em 2022
Bruna Mourão
Cocriação e direção de comunicação
Beatriz Vasconcelos
Fotografias e registo vídeo promocional
Joana Correia
Vídeo
Ana Ladislau
Coprodução
maat
Residências
Appleton - Associação Cultural, Campus Porto, Casa Varela, Cão Solteiro. Residências 120, O Espaço do Tempo
Apoio
Câmara Municipal de Lisboa
Projeto financiado por
DGArtes | Ministério Cultura e SPAutores
A Plataforma285 é uma estrutura associada de Cão Solteiro e de Appleton - Associação Cultural

ENG >

Calm, silence, comfort, pampering. My time, is mine and mine alone. Time for whatever I want to do, because I deserve it! Existence is a guilty pleasure and I therefore become obsessed, by you and for you. Life's greatest luxuries are possible! And no, this isn't a mirage. It's possible, probable, achievable. It's achieved, taken care of, no longer moves. This is your moment, your quiet place, your pinnacle of creation, your tasting menu, the pleasure you long for and deserve - yes, you truly deserve it.... So get ready, it's time to *marikond* excesses and enjoy, free from constraints or disappointments. Venture into the huge adventure park of life.

all you can eat is a transdisciplinary show - that combines theatre, performance, installation and live concert - and seeks to reclaim the right to leisure, while discovering that it is increasingly imprisoned, productive and profitable.

While, on the one hand, we demand the right to relax and be bored, on the other hand, there are more and more stimuli that distort this moment of *not-doing-anything*, creating the feeling that this time must be occupied, or otherwise we won't be enjoying it.

Capitalism has rediscovered itself. In the hypermodern era, as Lipovetsky has suggested, leisure, aesthetics and health have become top priorities. Everything that can be constituted as a desire is transformed into a market. Everything that can be commercialised becomes important. And absolutely everything can be commercialised: emotions, ecology, leisure, history. Various services for the masses have arisen in this process, suggesting personalised experiences that promote a sense of being able to make the most of irrelevant or non-productive time - transforming it into marketable or profitable time.

Travel, yoga, meditation, physical exercise, workshops, tasting activities: how has this time been commodified by a capitalism of affections and time? In this commodification of leisure time, relaxation has been made profitable, in order to continue consuming, but appeasing the concern of wasting time with the idea of enjoying it.

In *All You Can Eat the* audience is offered an experience to occupy their time. On stage, the performers deconstruct a traditional recipe (which originated in poverty and has now been rediscovered as a gourmet dish). What for? For the experience, for time spent together, for discovery. In *All You Can Eat* we spend time, together and profitably. Dinner is served at your discretion. So enjoy – the price will always be the same.

The food used in this show was given away, because it was close to its expiry date or had exceeded its recommended consumption date and therefore could no longer be sold.

Plataforma285 is a multidisciplinary collective, founded in 2011 and based in Lisbon, which aims to create theatre performances. Working in creative collaboration, the company has developed twenty one shows and has collaborated with institutions such as CCB, Culturgest, maat, the Teatro Nacional D. Maria II, the São Luiz Teatro Municipal, A Oficina, Teatro Aveirense, Serralves, among others. Their work is distinguished by the development of an original dramaturgical approach, based on the search for non-theatricality and new creative languages. They strive to create an authorial work, the search for intertextuality, the construction of realities inhabited by actors (not by characters).

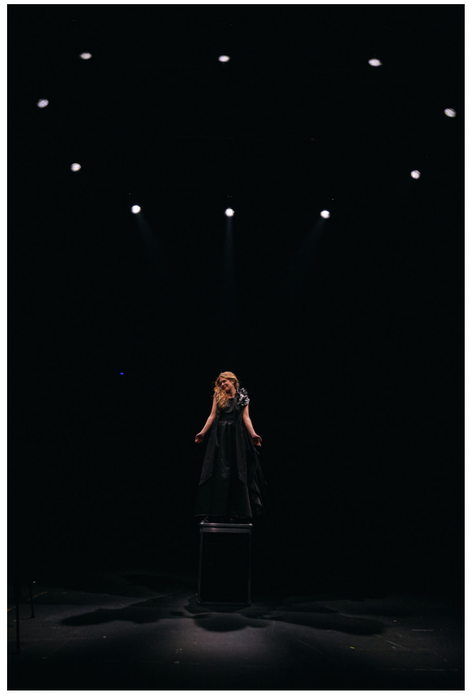
Teresa Coutinho

SOLO

©Filipe Ferreira

QUI 8 JUN > 21:30 | CCVF > Grande Auditório Francisca Abreu | Duração 75 min. | Maiores de 12

A história do teatro está assente, desde os primórdios da Antiguidade clássica, apesar das significativas mudanças que o conceito de dramaturgia sofreu na segunda metade do século XX, na exposição de uma fábula ao espectador: uma narrativa que lhe vai revelando, com o decorrer da trama, personagens e lhe permite espelhar-se nelas, identificar-se com os seus objetivos e obstáculos, pôr-se em causa, ter dúvidas, atingir a tão célebre "catarse". Recuperando dois temas que já foram objeto da minha investigação enquanto criadora, a manipulação do espectador de teatro e o sexismo como problema estrutural na sociedade contemporânea, SOLO pretende refletir sobre a força e a importância dos exemplos de feminino que me chegaram através do teatro e do cinema, desde tenra idade, na construção de uma ideia de "ser mulher" que me acompanhou e formou até aos dias de hoje. Simultaneamente, dou-me conta da herança inevitável, ora castradora ora libertadora, que as mulheres da minha família tiveram nessa construção.



©Filipe Ferreira

Inspirada no ensaio de Laura Mulvey, "Visual pleasure and the narrative cinema", em que esta se propõe analisar a tendência generalizada no cinema para se recorrer à manipulação de um "prazer visual" do espectador, no qual a Mulher tem o papel principal - frequentemente erotizada e apresentada como objeto de desejo passivo da personagem ativa, o Homem – proponho estudar de que forma é que, no teatro, a mulher serviu, tantas vezes, a ação e a narrativa única e exclusivamente para cumprir essas mesmas funções: ser desejada, ser disputada, confirmar a personagem masculina. Segundo Laura Mulvey, a Mulher aparece como acessória ao Outro masculino, num contexto em que o Homem pode viver as suas fantasias, obsessões e necessidades – quer pelo desenrolar da narrativa, quer pela forma como o objeto é filmado e editado - impondo-as à imagem muitas vezes silenciosa de uma mulher que existe, aqui, como portadora de significado e não como criadora de significado. Recorrendo à qualidade voyeurista e de manipulação do olhar do espectador que o cinema oferece (ao contrário do que acontece em teatro, em que este pode escolher para onde dirige a sua atenção), interessa-me expor perante aquele que vê a repetição destes padrões de tratamento do lugar do Feminino no teatro, mas também colocá-lo perante as duas possibilidades de olhar: o olhar livre de intervenção e o olhar através da câmara que filma. Assim, propõem-se aqui duas linhas de estudo e experimentação, uma relativa ao conteúdo e outra relativa à forma, que se unem numa mesma reflexão: se o teatro e o cinema são, por excelência, as formas de arte onde vamos ver-nos refletidos, onde vamos pensar sobre nós próprios e o nosso lugar em relação ao Outro, que espelho foi este, para mim, enquanto miúda sentada numa sala às escuras? Que imagem da Mulher me foi devolvida nos palcos e nas salas de cinema?

Que imagem foi devolvida à minha Mãe e à minha Avó? O que me transmitiram elas inconscientemente, vivendo em contextos eminentemente misóginos, através da sua grande mestria do silêncio? Continuando um caminho começado com “Ways of Looking” (2017) e “O eterno debate” (2018), espetáculos escritos e concebidos por mim, em que estes temas foram já aflorados, estou agora interessada em cruzar autobiografia e ficção pela primeira vez, convencida de que nenhuma pesquisa no campo do feminismo me é possível sem pensar e colocar em cena, verdadeiramente, o meu percurso e experiência enquanto mulher, atriz e criadora. Este exercício de pensar “uma ideia de beleza”, de “comportamento padrão” esperado do feminino é partilhado por todas as intervenientes criativas do espectáculo: que roupa vestia a Mulher numa época e porquê? Que mensagens trazem esses signos? Que luz embeleza, engrandece ou apequena? As diferentes áreas trabalham assim, em conjunto, para permitir a exposição dos mecanismos de manipulação. Diz-se que escalpelizar o prazer e a beleza os destroem. É esta beleza e este território do prazer que se quer construir para depois o lapidar até à última camada, retirando o deslumbramento e a fantasia da equação, de forma a instigar o pensamento e a crueza que a conversa teatral permite.

Teresa Coutinho

©Filipe Ferreira

Criação, interpretação, texto
Teresa Coutinho
Apoio à criação
Lúcia Pires
Câmara em tempo real
Lúcia Pires e Mariana Guarda
Apoio ao movimento
David Marques
Realização Vídeo pré-gravado
Teresa Coutinho, Lúcia Pires, Mariana Guarda
Montagem Vídeo pré-gravado
Lúcia Pires
Operação de Montagem
Filipe Silva
Desenho de luz **Carolina Caramelo**
Operação de desenho de luz
Daniel Worm
Figurinos
Mariana Sá Nogueira
Direção técnica
Filipe Silva
Produção executiva
Leonardo Garibaldi
Gestão financeira e administração
Vítor Alves Brotas
Difusão
Leonardo Garibaldi
Residências
Câmara Municipal de Lisboa, Polo Cultural Gaivotas | Boavista, Causas Comuns e Teatro do Eléctrico, O Espaço do Tempo
Produção
Agência 25
Coprodução
Teatro do Bairro Alto e Théâtre Dijon Bourgogne - Centre Dramatique National
Fotografia
Rui Palma e Filipe Ferreira
Apoio
Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação GDA

ENG >
Since the dawn of classical antiquity, and notwithstanding the significant changes that the concept of dramaturgy has suffered in the second half of the twentieth century, the history of theatre has always been based on showing a fable to the spectator: a narrative that will reveal characters to the spectator, as the plot unfolds, and allows him to mirror himself in them, to identify with their goals and obstacles, to question himself, to harbour doubts, to attain the famous “catharsis”. SOLO recovers two subjects that have already been the object of my research as an artist: manipulation of the theatre spectator, and sexism as a structural problem of contemporary society. It aims to reflect on the strength and importance of the examples of femininity that have I have received from an early age, through theatre and cinema, in the construction of an idea of “being a woman” that has accompanied and formed me until today. I am simultaneously aware of the inevitable inheritance, sometimes castrating and sometimes liberating, that I have received from the women in my family in that construction process.
Inspired by Laura Mulvey’s essay, “Visual pleasure and the narrative cinema”, in which she proposes to analyse the widespread tendency of cinema to manipulate the spectator’s “visual pleasure”, in which Woman plays the main role - frequently eroticised and presented to us as an object of passive desire of the active character, Man - I propose to study how, in theatre, Woman has often served the action and narrative solely and exclusively in order to fulfil those same functions: to be desired and disputed, and validate the male character. According to Laura Mulvey, the woman appears as an accessory to the male Other, in a context in which the man can live out his fantasies, obsessions and needs - whether through unfolding of the narrative or the way in which the object is filmed and edited - imposing them on the often silent image of a woman who exists, here, as the bearer of meaning, rather than as the creator of meaning. Resorting to the voyeuristic quality and manipulation of the spectator’s gaze that is offered by cinema (as opposed to the theatre, where the spectator can choose where to direct his or her attention), I am interested in exposing to the spectator the repetition of these patterns of treatment of the place of the Feminine in theatre, and also place the spectator before the two possibilities of gaze: the free gaze of intervention and the gaze through the camera that films. Two lines of study and experimentation are proposed herein – form and content - which are united in the same reflection: if theatre and cinema are, by excellence, the art forms where we see ourselves reflected, where we will think about ourselves and our place in relation to the Other, what was this mirror, for me, as a girl while sitting in a dark room? What image of Woman was given back to me on the stage and in the cinema? What image was given back to my Mother and Grandmother? What did they transmit to me unconsciously, living in eminently misogynist contexts, through their great mastery of silence? Continuing a path that began with two shows that I conceived and wrote - “Ways of Looking” (2017) and “The Eternal Debate” (2018) - in which I already touched on these themes, I am now interested in crossing autobiography and fiction for the first time, since I am convinced that no research in the field of feminism is possible for me without thinking and truly putting on stage, my journey and experience as a woman, actress and creator. This exercise of thinking about “an idea of beauty”, of “standard behaviour” expected from the feminine is shared by all the creative agents within the show: what clothes did Woman wear in a specific epoch and why? What messages do these signs carry? Which light embellishes, magnifies or diminishes? The different areas can thereby work together, in order to expose the mechanisms of manipulation. It is said that if we try to dissect beauty and pleasure we will destroy them. It is this beauty and this territory of pleasure that one wants to build up and then strip down to the final layer, removing the dazzle and fantasy from the equation, in order to instigate the thought and rawness that is permitted by the theatrical conversation.

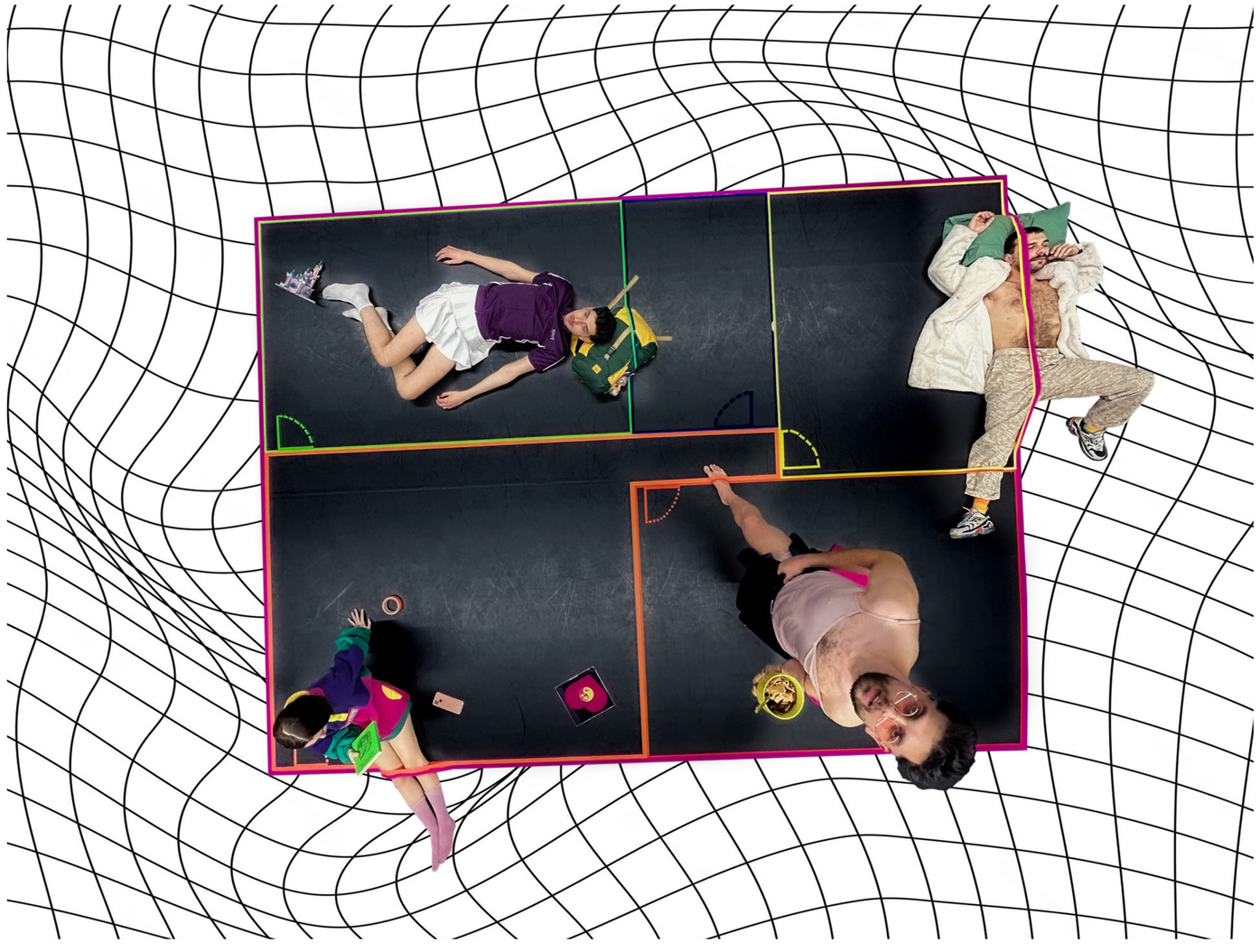
Teresa Coutinho

silentparty

Projeto CASA

UM QUARTO SÓ PARA SI

ESTREIA ABSOLUTA



©Direitos Reservados

SEX 9 JUN > 21:30 | CCVF > Pequeno Auditório | Duração 80 min. aprox. | Maiores de 12

LGP Espetáculo com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

As membras da silentparty conheceram-se num curso de criação teatral, o Recurso, durante o qual criamos afinidades éticas, estéticas e artísticas. Apesar de, na altura (e continua a ser assim hoje), não nos revermos numa ideia tradicional de companhia, em que as identidades/vontades individuais se dissolvem num todo abstrato ou em que há um compromisso de produção regular, nunca nos faltou, no entanto, a vontade de seguirmos acompanhadas umas pelas outras nos nossos percursos artísticos individuais.

Assim, e pedindo emprestado o modelo das festas silenciosas, as silent parties – festas onde os participantes dançam juntos ao som da música que escolhem, cada um nos seus "headphones" – temos vindo a inventar formas de existir sozinhes juntes, conjugando a criação em coletivo com a exploração artística individual. Resistimos assim à obrigação de uma hiperprodução às vezes necessária à manutenção de uma estrutura artística e a lógicas neoliberais de competição predatória, promovendo antes uma maximização de recursos e oportunidades para todes.
Pensar em modos alternativos de colaboração e noutros significados possíveis de coletivo no contexto da silentparty, gerou em nós uma vontade de reflexão acerca da suposta tensão entre indivíduo e coletivo de uma forma mais ampla e política, que transcendesse o nosso caso concreto. É essa cadeia de eventos que antecede "Um Quarto Só Para Si". Evocando o título do ensaio de Virginia Woolf (ou a sua tradução), confrontamos a reivindicação de um espaço próprio com a identificação imediata e simplista desta necessidade com um movimento libertário ou hiper-individualista, que se desliga de um sentido de coletivo (como nos parece estar a acontecer nas reações da própria esquerda mais tradicional a certas políticas identitárias).
Especulamos sobre que espaço poderá ser esse que se constrói através de uma reivindicação aparentemente individual mas que é feita para uma comunidade – como a própria Virginia Woolf que, reclamando um quarto que seja só para si, o reclama simultaneamente para todas as outras.
Assim, operamos numa sobreposição dos modos de organização do espaço e dos corpos no teatro com os da arquitetura, continuando um exercício experimentado nos nossos espetáculos anteriores (em ÍMPAR e IMPARidades esta sobreposição ocorria com o universo do museu e em What Plato

said to Ariana Grande com o formato de podcast). Através da convocação de outras disciplinas artísticas – quer dos seus princípios, quer dos artistas que as praticam – vamos contornando uma reprodução acrítica dos modos de produção hegemónicos da disciplina a partir da qual trabalhamos, o teatro. No caso, a convocação da arquitetura apoia-se na premissa de que experimentar diferentes modelos de construção – de espetáculos e de edifícios – é um exercício de imaginação de sociedades possíveis. A hipótese de "Um Quarto Só Para Si" é, por isso, material: como projetar um edifício que permita a emancipação permanente dos corpos que o habitam, enquanto lhes devolve a possibilidade de uma existência em conjunto?

Emanuel Santos, Mafalda Banquart, Tiago Araújo, Tiago Jácome

Criação
Emanuel Santos, Mafalda Banquart, Tiago Araújo, Tiago Jácome
Cenografia
Vítor Freitas
Luz
Pedro Nabais
Figurinos
Rita Eustáquio
Produção executiva
Joana Mesquita
Consultoria Artística
Maria Trabulo
Coprodução
Projeto Casa - Espaço do Tempo, Teatro Louletano e A Oficina / Centro Cultural Vila Flor | Teatro Municipal do Porto

ENG >
The members of silentparty met in a theatre course, *Recurso*, during which we created different ethical, aesthetic and artistic affinities.
Although we did not view ourselves within the traditional idea of a theatre company, where individual identities/ wills dissolve into an abstract whole or where there is a commitment to regular artistic production, we never lacked the will to follow each other on our individual artistic paths.
So, borrowing the model of silent parties – in which participants dance together to the sound of the music that they choose, each listening to their own headphones - we have been inventing different ways of existing alone together, combining collective creation with individual artistic exploration. We thereby resist the obligation of hyper-production, that is sometimes necessary to maintain an artistic structure, and the neoliberal logic of predatory competition, and instead foster the maximisation of resources and opportunities for all.
Thinking about alternative modes of collaboration and other possible meanings of the collective in the context of silentparty, inspired us to reflect on the supposed tension between the individual and the collective in a broader and more political way, that transcended our concrete case. It is this chain of events that precedes "A Room of One's Own". Evoking the title of Virginia Woolf's essay (or its translation), we confront the claim for a space of one's own, with the immediate and simplistic identification of this need with a libertarian or hyper-individualist movement, which disconnects itself from a sense of the collective (which we feel is happening in the reactions of the more traditional left wing to certain identity politics). We speculate on what this space might be, that is constructed through an apparently individual claim made for a community - like Virginia Woolf herself who, in claiming a room solely for herself, was simultaneously claiming it for everyone else.
We therefore operate in an overlapping process of the different ways of organising space and bodies in theatre with those of architecture, continuing an exercise that has been explored in our previous shows (in *ÍMPAR* and *IMPARidades* this overlapping occurred, with the museum universe, and in *What Plato said to Ariana Grande*, with the podcast format). By referring to other artistic disciplines - both their principles and the artists who practice them - we navigate an uncritical reproduction of the hegemonic modes of production of our discipline, the theatre. In this case, the convocation of architecture is based on the premise that experimenting with different construction models - of performances and buildings - is an exercise in imagining different possible societies. The hypothesis of "A Room of One's Own" is therefore material: how to design a building that will facilitate the permanent emancipation of the bodies that inhabit it, while once again giving them the possibility of a joint existence?

Emanuel Santos, Mafalda Banquart, Tiago Araújo, Tiago Jácome

Luís Mestre

NOITE DE VERÃO

ESTREIA ABSOLUTA

SEX 10 JUN > 21:30 | CIAJG > Black Box | Duração 60 min.. | Maiores de 14

©TNE

Uma Noite de Verão no Museu

Leveza, Rapidez, Exactidão, Visibilidade, Multiplicidade e Consistência são as qualidades da escrita que Italo Calvino teria desejado transmitir à humanidade do milénio que estava por vir, apresentadas em *Seis Propostas para o Próximo Milénio* (1985). Refletindo sobre o destino da escrita na era tecnológica pós-industrial, Calvino alicerça a sua confiança no futuro da literatura na convicção de que há coisas que apenas a literatura nos pode dar, por meios que lhe são específicos. Nesta reflexão sobre o exercício da escrita, Calvino define o seu método de trabalho como

©TNE

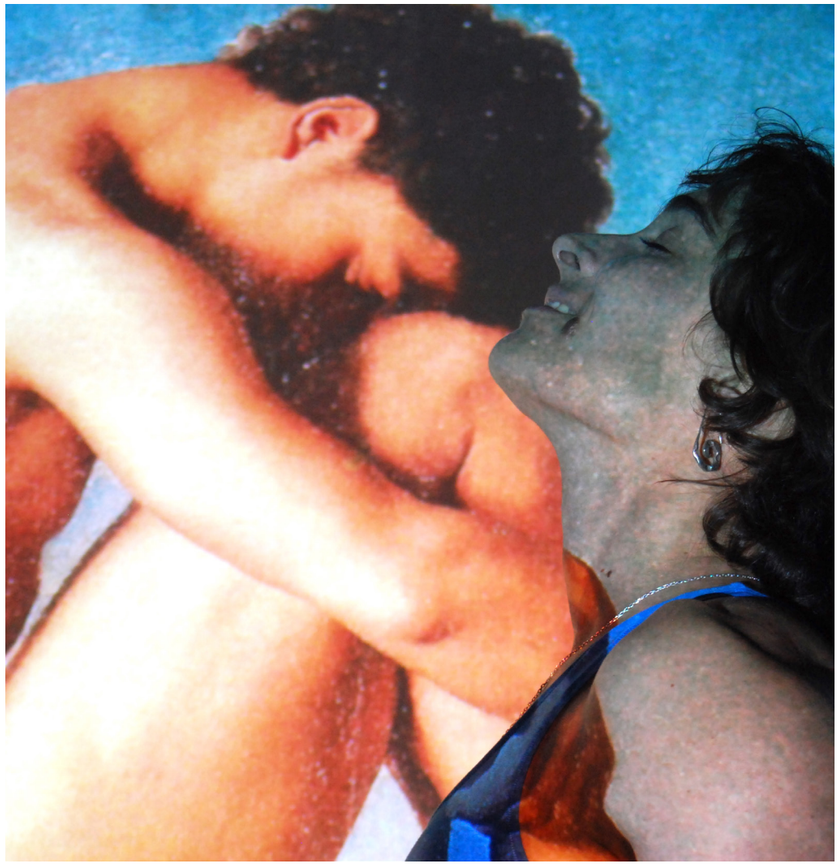
subtracção de peso, que procura retirar de pessoas e lugares, da estrutura do texto e da própria linguagem. Esse movimento delineia a “Noite de Verão”, em contraponto ao nosso tempo e a um mundo que tende a ser pesado e opaco. A subtileza de elementos, o ritmo do texto, a precisão nas palavras, a composição visual do lugar, o fluxo desregulado subjacente como frequência em surdina, compõe a multiplicidade de camadas de sentido nesta peça, constituindo um texto íntimo e translúcido.

Com recurso ao método narrativo de *fluxo de consciência* procura-se transcrever o complexo percurso de pensamento das duas personagens, revelando processos mentais, hesitações, contradições e interrupções na linguagem. Há um esbatimento entre o real e o imaginado. Num mesmo momento vários níveis de consciência misturam-se numa corrente de sensações, pensamentos, memórias e associações. Pretende-se dar a ver, sem interferências, o fluir de sensações e pensamentos das personagens, num mergulho profundo nas diversas camadas da mente, colocando o público dentro do puro acto de pensar das personagens.

Na quarta noite da “Tetralogia das Estações”, de Luís Mestre, encontramos

dois *millennials* numa estância de férias abandonada. Acabaram de se conhecer e não sabem que estão ali um para o outro; querem, naquele Verão quente, sentir uma leveza acolhedora, intangível, algo que perderam precocemente nas suas curtas vidas. Atravessaram duas crises assimétricas: a financeira e a pandémica. Aparentemente, falam de coisas banais, leves. Mas o que realmente querem dizer, aquilo de que verdadeiramente falam, voz e corpo, é sobre as suas ansiedades e os seus medos.

Luís Mestre



©TNE

Texto, direção e figurinos
Luís Mestre
I&D, coreografia e interpretação
Belisa Branças e João Oliveira
Pinturas
Graça Morais (imagens das obras gentilmente cedidas pela autora)
Desenho de luz e espaço cénico
Joana Oliveira
Desenho de vídeo e espaço cénico
Ana Joana Amorim
Direção técnica
Luís Ribeiro
Produção executiva
Belisa Branças
Direção de produção
Patrícia do Vale
Intervalo – programa educativo
Patrícia do Vale, Raquel Sambade e Inês Soares
Coprodução
Teatro Municipal do Porto, Casa das Artes de Famalicão, Cineteatro Louletano, 23 Milhas, A Oficina / Centro Cultural Vila Flor, Cine Teatro de Estarreja, Teatro Municipal de Bragança e Teatro Nova Europa
O Teatro Nova Europa é uma estrutura financiada pela República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes (Apoio Sustentado Quadrienal 2023-2026)

ENG >

Summer Night at the Museum

Lightness, Speed, Accuracy, Visibility, Multiplicity and Consistency are the qualities of writing that Italo Calvino would have wanted to transmit to the humanity of the new millennium, presented in his *Six Memos for the Next Millennium* (1985). Reflecting on the fate of writing in the post-industrial technological age, Calvino bases his confidence in the future of literature on the conviction that there are things that only literature can give us, using means that are specific to it. In this reflection on the exercise of writing, Calvino defines his working method as the subtraction of weight, which he seeks to remove from people and places, and from the structure of the text and language itself. This movement outlines "Summer Night", in counterpoint to our time and to a world that tends to be heavy and opaque. The subtlety of elements, the rhythm of the text, the precision in the words, the visual composition of the place, the underlying unregulated flow as a muted frequency, make up the multiplicity of layers of meaning of this work, constituting an intimate and translucent text.

The narrative method of *stream of consciousness* is used to transcribe the complex thinking process of the two characters, revealing mental processes, hesitations, contradictions and interruptions in language. This involves a blurring between the real and the imagined. Various levels of consciousness simultaneously mix in a stream of different sensations, thoughts, memories and associations. The intention is to show, without any interference, the flow of sensations and thoughts of the characters, while delving deep into the various layers of the mind, placing the audience

©TNE

inside the characters' pure thought processes.

In the fourth evening of Luís Mestre's "Tetralogy of Seasons", we discover two millennials in an abandoned holiday resort. They have just met and don't know they are there for each other. In that hot summer evening, they want to feel a welcoming, intangible lightness, something that they soon lost in their short lives. They have had to confront two asymmetric crises: the financial crisis and the pandemic. On the surface, they talk about banal, light things. But what they really mean, what they really talk about, in their voice and body, is their anxieties and fears.

Luís Mestre

ATIVIDADES PARALELAS

O GESTO ARTÍSTICO

Mickaël de Oliveira

A noção de ‘gesto artístico’ tem animado a reflexão estética, ética, moral e, de certa forma, ontológica das artes no ocidente, com ênfase a partir do romantismo e com ainda mais escala no modernismo. O gesto artístico pode definir-se como o conjunto de decisões que o artista tomou para a composição da sua obra, na qual inscreve a sua intenção. No século XX, o carácter do gesto artístico suplanta em importância a dimensão técnica na composição de uma obra, determinando-a e centrifugando o debate sobre si. Marcel Duchamp (1887-1968) foi um dos marcos importantes na reavaliação do fazer artístico e da sua apreciação, dando ‘existência artística’ a objetos banais e pré-existentes (ready-made), através do seu gesto autoral (assinaturas e outros paratextos), somado ao seu enquadramento institucional, inaugurando assim o domínio da arte conceptual. No teatro, encontramos exemplos como Antonin Artaud (1896-1948) que recusou no seu “teatro da crueldade” a presença do alfabeto, ou ainda, Erwin Piscator (1893-1966) e Bertolt Brecht (1898-1958) que edificaram novas metodologias e técnicas, apoiados num gesto artístico de cariz ideológico, para inventarem um teatro político que continua a alimentar a cena teatral contemporânea. De facto, o século XX testemunhou o nascimento de gestos artísticos radicais (de vanguarda), pondo em crise a ideia de arte e indagando as suas materialidades e funções.
Continuamos hoje a assistir ao nascimento de obras que aproximam sem pudor a arte e a política para questionar dimensões sociais, comunitárias, identitárias e de representatividade da nossa sociedade, através de gestos artísticos que atuam na desconstrução dessas dimensões, bem como na visibilidade das suas margens. Se no século passado a relação entre arte e política se estabelecia, em parte, em diálogo com as ‘grandes narrativas’ ocidentais (incluindo a marxista) e no testemunho posterior da sua falência – os gestos artísticos tendem, na cena contemporânea, a inscrever os corpos invisibilizados através de um questionamento sobre dinâmicas como as coloniais e de género.
No âmbito das atividades paralelas da presente edição do Festivais Gil Vicente, o Teatro Oficina promove dois painéis sobre a questão do gesto artístico. O primeiro – “O que fundamenta o gesto artístico” – visa dar lugar a artistas, programadores e outros agentes culturais para que possam partilhar o seu trabalho e a manufatura rizomática do seu gesto. “Como apoiar a radicalidade do gesto artístico” prolonga a discussão para pensar os desafios que o sector das artes performativas portuguesas enfrenta no apoio ao aparecimento, visibilização e consolidação de novos gestos singulares.

PARALLEL ACTIVITIES

THE ARTISTIC GESTURE

The concept of the ‘artistic gesture’ has animated aesthetic, ethical, moral and, to some extent, ontological reflections on the arts in the West, with emphasis from Romanticism onwards and with even greater force in the context of Modernism. The artistic gesture can be defined as the set of decisions that the artist has taken in order to compose his work, in which he inscribes his intention. In the twentieth century, the character of the artistic gesture became more important than the technical dimension within the composition of a work, determining it and focusing the debate on it. For example, Marcel Duchamp (1887-1968) was one of the key figures in the re-evaluation of making art and its appreciation, endowing an ‘artistic existence’ to pre-existing, banal objects (ready-mades), through his authorial gesture (his signature and other paratexts),

complemented by his institutional framework, thereby inaugurating the domain of conceptual art. In the world of theatre, we encounter examples such as Antonin Artaud (1896-1948) and his “theatre of cruelty”, in which he refused the presence of the alphabet, or Erwin Piscator (1893-1966) and Bertolt Brecht (1898-1958) who built new methodologies and techniques, supported by an artistic gesture of an ideological nature, to invent a political theatre that continues to inspire and torment contemporary theatre. In fact, the 20th century witnessed the birth of radical (avant-garde) artistic gestures, questioning the idea of art and its materialities and functions.

Today we continue to witness the birth of works that unashamedly combine art and politics in order to question social, community, identity and representational dimensions of our society, through artistic gestures that serve to deconstruct them, while making their margins visible. Whereas in the last century the relationship between art and politics was established, in part, in dialogue with the ‘grand narratives’ of the Western world (including Marxism) and the subsequent testimony to their bankruptcy - artistic gestures tend, in the contemporary scene, to inscribe bodies that have been rendered invisible, by questioning dynamics such as colonialism and gender.

As part of the parallel activities of this edition of the Gil Vicente Festivals, the Teatro Oficina will organise two panels on the issue of the artistic gesture. The first - “What underpins the artistic gesture” - aims to give room for artists, programmers and other cultural agents to share their work and the rhizomatic manufacturing of their gesture. The second panel - “How to support the radicality of the artistic gesture” -extends the discussion in order to think about the challenges faced by the Portuguese performing arts scene in supporting the emergence, visibility and consolidation of new singular gestures.

CONVERSAS PÓS-ESPETÁCULO

SEX 2 JUN > CCVF >
Foyer do Pequeno Auditório
Após o espetáculo “As Três Irmãs”

CONVERSA COM TITA MARAVILHA

SEX 9 JUN > CCVF >
Foyer do Pequeno Auditório
Após o espetáculo
“Um Quarto Só Para Si”

CONVERSA COM SILENTPARTY

SÁB 10 JUN > CIAJG > Hall
Após o espetáculo “Noite de Verão”

CONVERSA COM LUÍS MESTRE

DEBATES

SÁB 3 JUN > 17:00 >
CCVF > Pátio interior

O QUE FUNDAMENTA O GESTO ARTÍSTICO?

Com **Manuela Ferreira** (dramaturga e encenadora), **Tiago Vieira** (encenador) e **Tiago Cadete** (investigador, performer, coreógrafo)

Moderação **Francesca Rayner** (investigadora e professora associada da Universidade do Minho)

SÁB 10 JUN > 17:00 >
CCVF > Pátio interior

COMO APOIAR A RADICALIDADE DO GESTO ARTÍSTICO?

Com **Armando Valente** (codiretor artístico do Citemor - Festival de Montemor-o-Velho), **Bruno dos Reis** (dramaturgo, encenador e diretor artístico do Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro) e **Teresa Coutinho** (dramaturga e encenadora)

Moderação **Mickaël de Oliveira** (dramaturgo, encenador e diretor artístico do Teatro Oficina)

9,50 EUR / 5,00 EUR C/D

PREÇO
POR ESPETÁCULO

DESCONTOS (C/D)

Cartão Jovem, Menores de 30 anos e Estudantes
Cartão Municipal de Idoso, Reformados e Maiores de 65 anos
Cartão Municipal das Pessoas com Deficiência; Deficientes e Acompanhante
Sócios do CAR – Círculo de Arte e Recreio

Cartão Quadrilátero Cultural
desconto de 50%

VENDA BILHETES

oficina.bol.pt
Centro Cultural Vila Flor
Centro Internacional das Artes José de Guimarães
Casa da Memória de Guimarães
Loja Oficina
Lojas Fnac, El Corte Inglés, Worten
Entidades aderentes da Bilheteira Online

MAIS INFORMAÇÃO

www.aoficina.pt

> 20% DESCONTO

2
ESPETÁCULOS
À ESCOLHA

> 30% DESCONTO

3
ESPETÁCULOS
À ESCOLHA

> 40% DESCONTO

4
ESPETÁCULOS
À ESCOLHA

> 50% DESCONTO

Profissionais das Artes do Espetáculo; Alunos de Artes Performativas; Alunos das Oficinas do Teatro Oficina; Membros do Gangue de Guimarães; Membros dos Grupos de Teatro de Amadores do concelho de Guimarães

QUI 1 JUN > 21:30 > CCVF

COSMOS

Cleo Diára, Isabél Zuaa
e Nádia Yracema

SEX 2 JUN > 21:30 > CCVF

AS TRÊS IRMÃS

Tita Maravilha
[Bolsa Amélia Rey Colaço]

SÁB 3 JUN > 21:30 > CIAJG

ALL YOU CAN EAT

Plataforma285

QUI 8 JUN > 21:30 > CCVF

SOLO

Teresa Coutinho

SEX 9 JUN > 21:30 > CCVF

UM QUARTO SÓ PARA SI

silentparty
[Projeto CASA]
ESTREIA ABSOLUTA

SÁB 10 JUN > 21:30 > CIAJG

NOITE DE VERÃO

Luís Mestre **ESTREIA ABSOLUTA**

ATIVIDADES PARALELAS

CONVERSAS PÓS-ESPETÁCULO

SEX 2 JUN > CCVF
Após o espetáculo "As Três Irmãs"
CONVERSA COM TITA MARAVILHA

SEX 9 JUN > CCVF
Após o espetáculo "Um Quarto Só Para Si"
CONVERSA COM SILENTPARTY

SÁB 10 JUN > CIAJG
Após o espetáculo "Noite de Verão"
CONVERSA COM LUÍS MESTRE

DEBATES

SÁB 3 JUN > 17:00 > CCVF
O QUE FUNDAMENTA O GESTO ARTÍSTICO?
Com **Manuela Ferreira, Tiago Vieira, Tiago Cadete**
Moderação **Francesca Rayner**

SÁB 10 JUN > 17:00 > CCVF
COMO APOIAR A RADICALIDADE DO GESTO ARTÍSTICO?
Com **Armando Valente, Bruno dos Reis, Teresa Coutinho**
Moderação **Mickaël de Oliveira**

CENTRO CULTURAL
VILA FLOR

Av. D. Afonso Henriques, 701
4810-431 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 700
geral@ccvf.pt
www.ccvf.pt

C I A J G
centro internacional das artes
josé de guimarães

Av. Conde de Margaride, 175
4810-535 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 715
geral@ciajg.pt
www.ciajg.pt

A Oficina

Direção
Management Board
Presidente // *President*
Paulo Lopes Silva
(Câmara Municipal de Guimarães)
Vice-Presidente //
Vice-President
António Augusto Duarte Xavier
Tesoureiro // *Treasurer*
Maria Soledade da
Silva Neves
Secretário // *Secretary*
Jaime Marques
Vogal // *Member*
Alberto de Oliveira Torres
(Casa do Povo de Fermentões)

Conselho Fiscal
Statutory Audit Committee
Presidente // *President*
José Fernandes
(Câmara Municipal de Guimarães)
Vogal // *Member*
Maria Mafalda da Costa
de Castro Ferreira Cabral
(Taipas Turitermas, CIPRL)
Vogal // *Member*
Djalme Alves Silva

Mesa da Assembleia Geral
General Meeting's Board
Presidente // *President*
Lino Moreira da Silva
(Câmara Municipal de Guimarães)
Vice-Presidente //
Vice-President
Manuel Ferreira
Secretário // *Secretary*
Filipa João Oliveira Pereira
(CAR - Círculo de Arte e Recreio)

Direção Executiva
Executive Direction
Helena Pereira

Assistente de Direção
Assistant Director
Anabela Portilha

Direção Artística CCVF e
Artes Performativas // *CCVF and*
Performing Arts Artistic Direction
Rui Torrinha

Direção Artística CDMG e Artes
Tradicionais // *CDMG and Traditional*
Arts Artistic Direction
Catarina Pereira
Inês Oliveira (Gestão do Património //
Heritage Management),

Direção Artística CIAJG e Artes Visuais //
CIAJG and Visual Arts Artistic Direction
Marta Mestre

Direção Artística Teatro Oficina //
Teatro Oficina Artistic Direction
Mickaël de Oliveira
(Direção Artística Convidada 2023-2024 //
Guest Artistic Director 2023-2024)

Programação Guimarães Jazz e Curadoria
Palácio Vila Flor // *Guimarães Jazz*
Programming and Palácio Vila Flor Curator
Ivo Martins

Assistente de Direção Artística //
Artistic Director Assistant
Cláudia Fontes

Educação e Mediação Cultural //
Education and Cultural Service
Francisco Neves (Direção // *Director*),
Ana Catarina Aidos, João Lopes,
Marisa Moreira, Marta Silva

Produção // *Production*
Susana Pinheiro (Direção // *Director*),
Ana Sousa, Andreia Abreu, Andreia Novais,
Hugo Dias, Nuno Ribeiro, Rui Afonso,
Rui Salazar, Sofia Leite

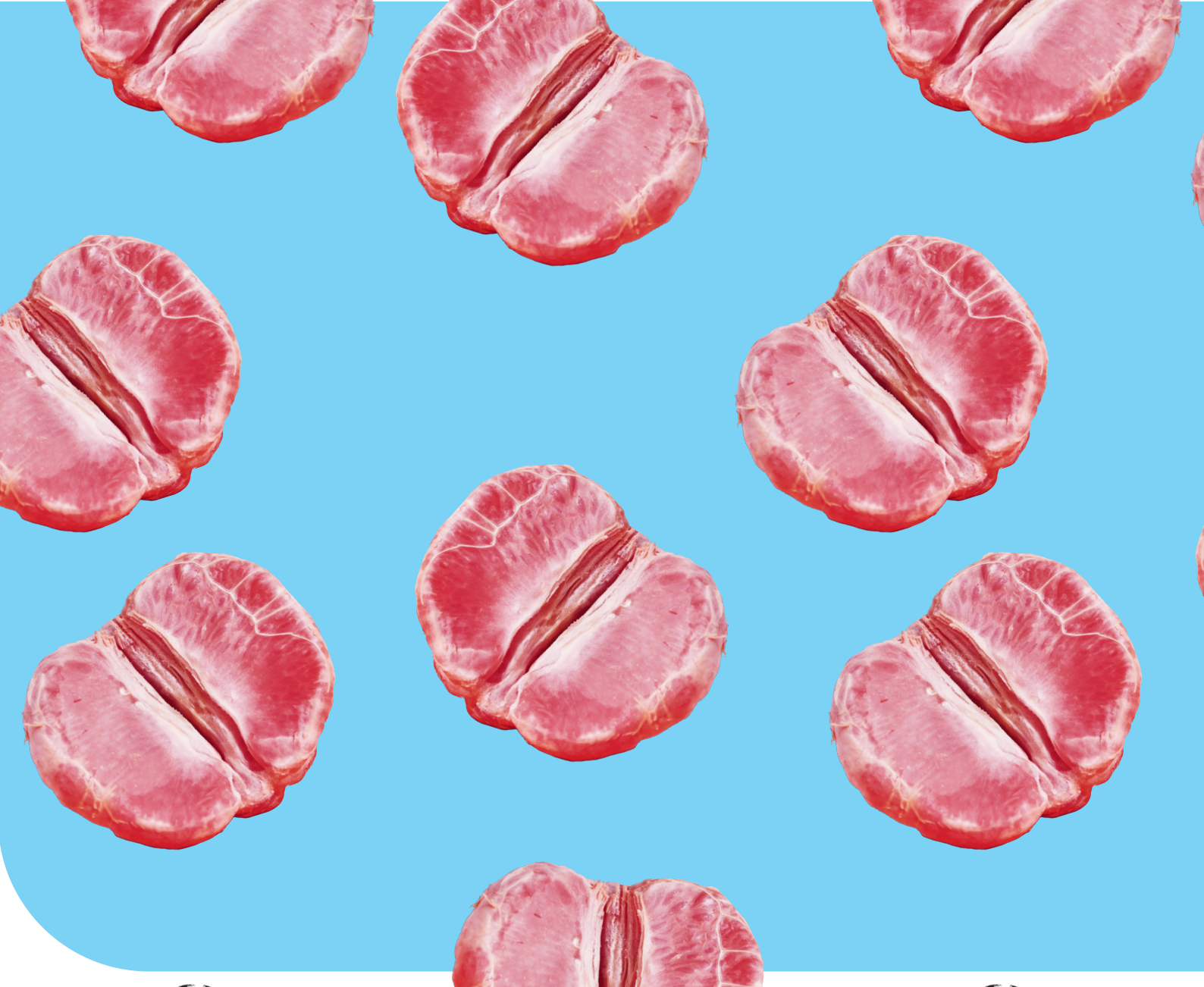
Técnica // *Technical Staff*
Carlos Ribeiro (Direção // *Director*),
Ana Fernandes (Direção de Cena // *Stage*
Manager), Diogo Teixeira, João Castro,
João Guimarães, João Diogo,
João Oliveira, Ricardo Santos,
Rui Eduardo Gonçalves, Sérgio Sá

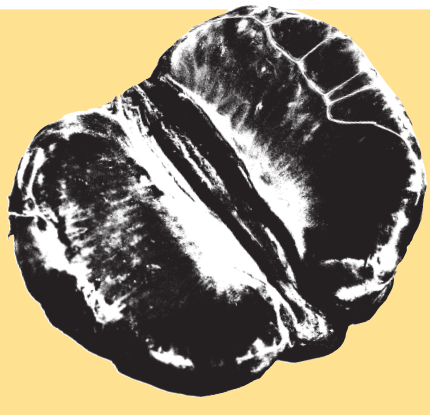
Serviços Administrativos e Financeiros //
Administrative and Financial Services
Helena Pereira (Direção // *Director*),
Ana Carneiro, Carla Inácio, Cláudia Costa,
Iria Sampaio, Liliana Pina, Marta Miranda,
Pedro Pereira, Susana Costa

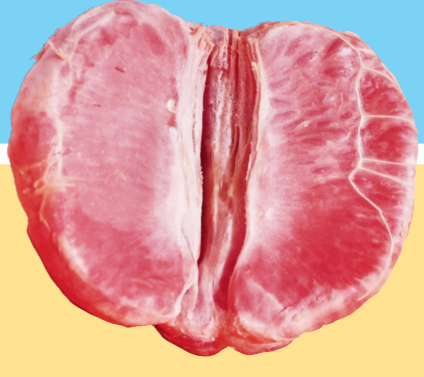
Relações Públicas, Financiamentos e
Mecenato // *Public Relations, Funding*
and Cultural Patronage
Sérgio Sousa (Direção // *Director*),
Andreia Martins, Jocélia Gomes,
Josefa Cunha, Manuela Marques,
Sylvie Simões (Atendimento ao Público //
Public Attendance)

Instalações // *Facilities*
Luís Antero Silva (Direção // *Director*),
Joaquim Mendes, Rui Gonçalves (Assistente
// *Assistant*), Jacinto Cunha, José Machado
(Manutenção e Logística // *Maintainence*
and Logistics), Amélia Pereira, Carla Matos,
Conceição Leite, Conceição Oliveira,
Josefa Gonçalves, Maria de Fátima Faria,
Rosa Fernandes (Manutenção e Limpeza //
Maintainence and Cleaning)

Comunicação // *Communication*
Marta Ferreira (Direção // *Director*),
Bruno Borges Barreto (Assessoria de Imprensa
// *Press Office*), Carlos Rego (Distribuição //
Distribution), Paulo Dumas (Comunicação
Digital // *Digital Communication*),
Eduarda Fontes, Susana Sousa (Design)







Organização

oficina

MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

CPR GUIMARÃES

Cofinanciamento

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES

Media Partner

ANTENA 2

Apoio à Produção

CIN

Caetano Auto

Outros Apoios

HOTEL FUNDADOR

HOTEL DE GUIMARÃES
BUSINESS & SPA

STAY HOTELS
JUST WHAT YOU NEED